

A QUEDA DO SIMBÓLICO NA VIDA CONTEMPORÂNEA: UMA INTERPRETAÇÃO DA RELAÇÃO DOS SUJEITOS COM OS SÍMBOLOS DA IGREJA MATRIZ DE AMERICANA

THE FALL OF THE SYMBOLIC WITHIN THE CONTEMPORARY LIFE: AN INTERPRETATION OF THE RELATIONSHIP BETWEEN THE SUBJECTS AND THE SYMBOLS OF THE MOTHER CHURCH OF AMERICANA

Marcel Henrique Rodrigues

UNISAL

marcel_symbols@hotmail.com

Resumo

Mediante uma pesquisa bibliográfica sobre os “Símbolos Religiosos e Psicologia”, surgiu a curiosidade de uma investigação mais aprofundada sobre o tema. Parte-se do pressuposto de que, na contemporaneidade, exista certa exclusão dos símbolos religiosos, bem como o seu não entendimento por parte das pessoas. Esta pesquisa, como se verá, tem como ponto de partida os princípios da simbologia, com a análise de seu enfoque psicológico. Grandes nomes da Psicologia, como Freud e Jung, dedicaram-se ao estudo desse tema. Também serão expostos neste trabalho os argumentos de grandes estudiosos das Religiões, como Campbell e Mircea Eliade. Durante a leitura deste trabalho, o leitor perceberá o grande interesse dos indivíduos por esse tema, mas ao mesmo tempo, um completo desconhecimento do assunto por essas pessoas.

Palavras-chave: Simbologia, Religião, Psicologia.

Abstract

After a bibliographical research about the “religious symbols and Psychology”, the curiosity of proceeding a deeper investigation about this theme has cropped up. It starts off from the principle that, in contemporaneousness, there is a certain exclusion of the religious symbols, as well as the lack of understanding of these symbols of part of the people. This research, as it is going to be noticed, is based on the principles of Symbology, analyzing their psychological focus. Great authors of Psychology, just as Freud and Jung, has dedicated to the study of this theme. This research is also going to demonstrate the ideas of great theorizers of the religions, such as Campbell and Mircea Eliade. During the reading of this research, the reader is going to realize the great interest of the people for this theme, but at the same time, a complete lack of knowledge of this subject of part of the same people.

Keywords: Symbology, Religion, Psychology.

Introdução

Hoje, a humanidade convive com seus símbolos e templos religiosos espalhados por todo o planeta, mas será que todos os homens sabem o significado desses símbolos? Será que os homens são capazes de imaginar que seus ancestrais criaram essas imagens e que nós, os contemporâneos, inconscientemente, as aceitamos como “Sagradas”?

O que não é mais negado pelo meio acadêmico é que o homem é um ser de dimensão simbólica. Dimensão esta que atravessa gerações, eras e sobrevive ao pesado tempo da História, chegando a nós de forma intacta. Entretanto, pergunta-se: como é que o homem contemporâneo analisa e interpreta esses símbolos?

Teria o homem atual a consciência de que os símbolos e os sinais foram as primeiras manifestações artísticas e linguísticas da espécie? O homem atual valoriza ou despreza os símbolos, sobretudo os religiosos?

Foram com essas indagações que surgiu o interesse pela presente pesquisa. Para tanto, iniciaram-se os trabalhos com um levantamento bibliográfico e com a definição sobre os autores a serem pesquisados, bem como a estrutura a ser desenvolvida no texto. São diversos os estudiosos que se dedicaram ao estudo do tema, com destaque para Carl Gustav Jung, Joseph Campbell e Mario Ferreira dos Santos, os mais citados neste trabalho. Especialmente o último, um filósofo brasileiro da década de 50, que muito contribuiu para a pesquisa sobre Simbologia no Brasil. Assim sendo, com base em seu

livro “Tratado da Simbólica” (1959), foi possível conhecer a amplitude do assunto abordado, bem como novos autores que poderiam ajudar no estudo.

A pesquisa teve continuidade nas obras de Carl Gustav Jung, que fora discípulo de Sigmund Freud e que muito escreveu sobre a simbologia das religiões, assim como a sua função psicológica. Seu principal trabalho sobre o assunto é “O homem e seus símbolos”, idealizado e escrito pouco antes de sua morte, em 1961.

Além desses, constam também os autores: Nise da Silveira (1976), Jame Hall (1994), Manfred Lurker (2003), Mircea Eliade (2002), Verena Kast (2001), Adrian Frutiger (2001), Dom Estevão Bettencourt (2001), dentre outros.

No item II, é apresentado o campo de estudo da Ciência Simbólica, juntamente como o conceito de símbolos e, na sequência, ilustra-se um esquema sobre as diferenças entre símbolos e sinais; a relação entre simbologia e analogia a fim de uma aproximação com a principal etapa da pesquisa: a relação entre Simbologia, Psicologia e Religião.

No item III, aborda-se brevemente sobre os conceitos de mitos, símbolos e arquétipos, temas muito enraizados na Psicologia. Já no item IV, entra-se exatamente no assunto central deste estudo: a “queda do simbólico”, que investiga a dificuldade do homem moderno em interpretar temas e imagens simbólicas.

Na sequência, é feito um estudo empírico na igreja Matriz da cidade de Americana, onde se professa a fé católica. Para tanto, sujeitos foram indagados sobre o conhecimento do significado histórico/religioso de três símbolos: a Cruz, o Pelicano e o Monograma de Cristo (Lábaro). Esse mencionado estudo empírico é apresentado para complementar os estudos bibliográficos sobre o tema. O problema entre sujeitos e símbolos será, então, bem delimitado e apresentado na pesquisa de campo subsequente ao levantamento bibliográfico que inicia este trabalho. Desse modo, procede-se em duas etapas. O estudo dessa problemática, longe de ser um trabalho final, se mantém, ao contrário, como um trabalho inicial para pesquisas futuras.

O motivo do estudo da ciência simbólica

Somos seres simbólicos. Com efeito, a primeira forma de expressão humana se deu por meio de símbolos, assim como já se pode deduzir das aulas de História, no tempo de colégio, quando eram apresentados a nós os desenhos rupestres; os mais famosos, talvez, são os da caverna no sudoeste francês. Esses milenares pictogramas

foram, provavelmente, a primeira forma de expressão intelectual, psicológica e verbal do ser humano em estágio evolutivo e por serem “imagens”, possuem uma interpretação, ou seja, um contexto vivido por um grupo que se transformava em tais expressões nas cavernas pré-históricas. Essa expressão ainda não é a Simbologia propriamente dita que será pesquisada neste capítulo, mas sim uma introdução à Simbólica.

O objetivo deste trabalho não é dissertar um tratado sobre a origem da escrita ou fazer um apanhado sobre os homens pré-históricos. O exemplo das pinturas rupestres cria uma espécie de analogia ao ambiente de estudo desta pesquisa. Com esse exemplo, pode-se ter uma inicial e grande ideia de como o assunto é amplo e incutido durante toda a história humana. O citado exemplo nos diz que a primeira forma de expressão humana se deu por meios pictográficos, os quais sinalizavam uma ideia e uma expressão de um determinado contexto vivido por aquele grupo.

Pode-se traçar mais nitidamente os tópicos que envolvem o estudo dos Símbolos. Na perspectiva de Santos (1959), estudar a Ciência Simbólica é estudar:

- Psicologia: a própria psicanálise diz muito sobre a simbologia, sobretudo Jung. O símbolo e os mitos, segundo concepções psicológicas, são produções da mente que regulam as forças entre inconsciente e consciente. E ainda mais, segundo a psicologia, a simbolização é necessária para a organização e estabelecimento do indivíduo na sociedade. Em termos práticos, para a psicologia, o homem, sem seus símbolos, não poderia existir;
- Filosofia: em ligação direta com a psicologia, a filosofia está intimamente relacionada à Simbologia. O ato criativo dos símbolos, mais precisamente os religiosos, cria uma atmosfera filosófica, pois o indivíduo ou grupo raciocina sobre determinado significado simbólico;
- Antropologia: como dito no início, a primeira forma de expressão humana se deu por meio de símbolos ou pseudosímbolos criados pelos homens primitivos. Isso está no âmbito da Antropologia;
- História: estudar símbolos é estudar a História. Com efeito, ao tratar da Antropologia, seria impossível excluir a História. Os símbolos surgem em determinados períodos históricos, por isso, estudar simbologia é estudar História;

- **Religião:** com efeito, a base desta pesquisa é o simbolismo religioso. Se há hoje um grupo que utiliza o símbolo por meio de didática, ou até mesmo para a comunicação, esse grupo é o Religioso.

É ampla a quantidade de áreas que a Ciência Simbólica congrega. O estudo dessa ciência oferece uma expandida visão do pensamento humano no decorrer das épocas. O propósito desta pesquisa é mostrar a maneira como o homem contemporâneo lida com o mundo simbólico que ele mesmo criou. A priori, já é lícito dizer que tal relacionamento entre Homem e Símbolo é totalmente deficiente e desastroso. A causa desse fenômeno pode ser o problema cultural e religioso que a Humanidade vem enfrentando nos dias de hoje.

O consciente e o inconsciente na simbólica

Na Psicologia, sabe-se que a consciência e a inconsciência não podem ser substancializadas. O consciente e o inconsciente são graus de tensão psíquica e não regiões subsistentes de nosso espírito, como revela aceitar certa tendência observável na obra dos psicanalistas.

Para Mário Ferreira dos Santos (1959), é nessa tensão existente entre inconsciente e consciente que surgem os símbolos, ou seja, o inconsciente se expressa por meio de uma simbólica.

A Psicologia moderna, tendo em vista a necessidade de se aprofundar mais no psiquismo humano, obrigou muitos psicólogos a se dedicarem cada vez mais ao estudo dos símbolos ao verificar que não só nos sonhos, mas também nas linguagens e nas atitudes, tanto dos artistas como dos neuróticos e psicóticos, encontra-se um emprego constante de símbolos, o que se pode constatar nas crianças e, principalmente, na linguagem dos povos chamados primitivos.

Tem-se, assim, uma longa formação histórica dos símbolos, pois se sabe que a questão homem-simbólico é de caráter antropológico. Sem desmerecer o argumento histórico da simbólica, terá continuidade a investigação psicológica mediante os símbolos.

Verena Kast (2001) mostra que Freud, o pai da Psicanálise, se dedicou ao estudo dos símbolos, porém foram os seus discípulos, principalmente Jung, quem mais se aprofundou no estudo da simbólica.

Os psicanalistas acreditam que o símbolo é um resultado de uma analogia. É certo que a maioria desses eruditos deu importância ao simbolismo onírico como forma de expressão do Inconsciente. Jung (1937), muito diz sobre os símbolos religiosos, como sendo resultado de uma força latente ao homem que busca respostas aos seus anseios. Aqui se enquadra o tema sobre o Inconsciente Coletivo, que será discutido mais adiante.

Estudiosos como Jung (1937) e Santos (1959) escreveram sobre a simbologia da linguagem. Esses estudiosos concluíram que a linguagem moderna perdeu as suas primitivas raízes, portanto perdeu também o seu valor simbólico, reduzindo-se quase exclusivamente aos sinais. Provavelmente, tem-se aqui um exemplo típico da chamada “Queda do Simbólico”.

Os psicólogos modernos, como Jung (1937), julgam que os homens do Ocidente voltam-se, muitas vezes, aos arrebatamentos poéticos e à vida mística que são carregadas com uma forte carga simbólica. Muito curioso é que quando se quer descrever os afetos, temores, angústias e esperanças, a linguagem humana se torna predominantemente simbólica e os símbolos que ela expressa têm um conteúdo mais universal do que se julga. De acordo com Campbell (2001), é por essa razão que o homem pode sentir e compreender a poesia de outros povos e de outras culturas, bem como a sua arte.

Jung (1937) e outros estudiosos chegam à mesma conclusão: de que é por meio dos símbolos a melhor forma de se expressar aquilo que é muito difícil de nomear. Os símbolos religiosos traduzem o irracional, o inefável, possuem raízes tão profundas na alma humana, que em muitos momentos da História foi preciso apelar para eles.

Ainda nesse contexto, grandes estudiosos da Religião como Mircea Eliade (2002) e Joseph Campbell (2001) estudaram sobre os simbolismos dos rituais antigos e modernos.

Jung, em seu livro *Transformaciones y símbolos de la libido* (1912) diz:

Seria ridícula e injustificada presunção pretender que somos mais energéticos e inteligentes que os antigos- é o acervo do nosso saber, o que aumentou não a nossa inteligência, daí que, ante as idéias novas, sejamos exatamente tão míopes e incapazes como os homens das mais obscuras épocas da

antiguidade. Enriqueceu-se nosso saber, não, porém a nossa sabedoria (apud Santos, 1959, p. 102).

Na perspectiva de Santos (1959), uma das causas fundamentais da incompreensão do pensamento antigo, sob todos os aspectos, está na atual incapacidade simbólica humana. Alguns pesquisadores da religião, como os já citados Jung e Eliade, criticam tal incapacidade. Esse tema será mais amplamente discutido posteriormente. Todavia, o que se pode adiantar é que a preocupação de teóricos como Jung está no esvaziamento na interpretação dos símbolos, que são projeções do inconsciente humano, portanto inerentes a nós, mas que, mesmo assim, acabam sendo desconhecidos por nós. É sobre uma suposta incapacidade simbólica que este trabalho está sendo desenvolvido, pois esta parece ser uma crise que se instalou no pensamento do homem moderno. Jung (1937) afirma que o homem não mais sabe interpretar os símbolos dos antigos. Parece que o estudioso está se referindo aos mitos, ou seja, às histórias criadas pelos antigos Gregos e Egípcios para explicar uma realidade mediante uma perspectiva inconsciente.

Portanto, os mitos primitivos seriam a primeira forma de simbolização religiosa da humanidade. Com efeito, Jung julga que esses símbolos podem ter origem onírica, ou seja, foram criados mediante os sonhos.

Jung, ao comentar essas teorias, afirma:

O próprio Freud indicou à sociedade até que ponto os motivos inconscientes se apóiam no instinto, que, afinal, é certamente um dado objetivo. Do mesmo modo reconheceu sua natureza arcaica, pelo menos em parte. As bases inconscientes dos sonhos e das fantasias, só na aparência são reminiscências infantis. Na realidade, trata-se de formas do pensamento, baseadas nos instintos, primitivas ou arcaicas, que, como é natural, destacam-se com maior clareza na infância do que depois. Mas em si, longe de ser infantis ou sequer patológicas. (apud Santos, 1959, p. 103).

Joseph Campbell (2001) utiliza os conceitos psicanalíticos para teorizar sobre o simbolismo dos mitos. Para Campbell, assim como os sonhos, os mitos são produtos da imaginação. Assim, existem duas ordens de sonho: o pessoal simples, em que o sonhador se envolve em aventuras que refletem somente seus problemas pessoais, os conflitos em sua vida sobre desejos, medos e compulsões e proibições morais; e os materiais semelhantes, que são tipicamente abordados na psicanálise freudiana. Há também outro nível de sonho que pode ser considerado uma visão, no qual o indivíduo

transcende a esfera de um horizonte meramente pessoal e entra em confronto com os mesmos grandes problemas universais, simbolizados em todos os grandes mitos.

O estudo sobre sonhos vem sendo de fato extremamente subjetivo, mas foi revolucionado quando Freud lançou o livro “A interpretação dos sonhos” (1900). Por meio da obra, o tema passou a ser estudado de modo mais científico. Vejamos agora como os sonhos são importantes para muitas correntes religiosas.

Ao longo da história, a maioria das tradições religiosas relata como os sonhos têm sido considerados uma fonte de informações acerca da vontade de Deus e da existência de um mundo espiritual. James Hall (1994) dá alguns exemplos de sonhos incutidos no meio religioso:

A mãe de Buda sonhou que um elefante branco com muitas presas descia sobre seu ventre- uma prefiguração do nascimento do Buda histórico. Os gregos antigos supunham que, quando a pessoa dormia num dos templos de Asclépio em Epidauro, o deus enviava sonhos que diagnosticavam doenças e indicavam o tratamento. Ao que parece houve muitas curas, atestadas por oferendas votivas de agradecimento existentes nos santuários. O culto de cura de Asclépio se difundiu de Epidauro, na Grécia, para várias partes do mundo antigo, como o provam os mais de duzentos templos então erigidos. Talvez esse seja o uso mais institucionalizado da interpretação de sonhos da história. (Hall, 1994, p. 33).

James Hall (1994) continua seu discurso apontando que não somente na mitologia dita pagã o homem religioso valorizava os sonhos, pelo contrário, tal fato ocorreu em outras religiões, como no Cristianismo. Com efeito, na tradição cristã, foi em um sonho que José recebeu o alerta para pegar o Menino Jesus e fugir para o Egito a fim de escapar da chacina de Herodes. No mundo Hebreu, tem-se um dos relatos mais antigos sobre interpretação de sonhos, o de José, filho de Jacó, que interpreta os sonhos do Faraó, prevendo os sete anos de fartura seguidos de sete anos de fome.

Seja como for, os sonhos foram muito valorizados pelas religiões e se tornaram objeto de estudo de grandes estudiosos, como Freud e Jung.

Hall (1994) diz que nos primórdios dos trabalhos de Freud o sonho era visto somente como uma “via régia para o inconsciente”. Não se pode negar que Freud muito contribuiu para o estudo do mundo onírico, contudo suas teorias sobre o caráter sexual dos sonhos fizeram com que Jung rompesse com o pai da Psicanálise.

Nise da Silveira (1976), em sua obra sobre a vida e obra de Jung, diz que este erudito concebeu a teoria dos Arquétipos e do Inconsciente Coletivo, que muito

influenciou a teoria da origem dos símbolos culturais mediante os arquétipos, tema que será um pouco mais discutido posteriormente.

Nise da Silveira (1976) e James Hall (1994) concordam com a teoria de Jung de que os símbolos, sobretudo os religiosos, são uma manifestação do inconsciente e de seus arquétipos.

Porém, pode-se dizer que existem, no inconsciente humano, conceitos arcaicos de religiosidade em forma arquetípica? Para Jung, sim. Ele diz que, nos sonhos, o homem carrega algo da sua vida arcaica, além do arcaico individual. Não se fala aqui sobre misticismo de vidas passadas ou regressão, pois esses são conceitos de crenças fundidas dentro de determinadas correntes religiosas, e, portanto por serem crenças, não são ciência. O que se discute aqui é a formação dos símbolos mediante a perspectiva onírica e, sendo essa inconsciência arcaica, é então uma espécie de herança dos ancestrais do homem (analogicamente falando), como se fosse um princípio de D.N.A. hereditário e que o constitui.

Símbolos, Arquétipos e Mitos

Manfred Lurker (2003) diz que os arquétipos são comportamentos psíquicos típicos e inatos do ser humano. O estudioso continua fazendo uma analogia com o mundo animal. Os animais possuem ações instintivas observáveis somente a partir de fora, assim, o arquétipo revela-se por meio da introspecção ao observador. Observáveis são apenas seus efeitos, ou seja, o fato de seres de todas as épocas e de todos os povos produzirem, a partir de estruturas semelhantes, gestos, rituais míticos (arquetípicos) e representações imagéticas.

Manfred Lurker (2003) permanece com seu raciocínio sobre os arquétipos considerando o mito do herói, muito estudado por Joseph Campbell (2001). Lurker diz que em diversos povos encontra-se o mito do herói, que geralmente nasce de uma virgem, é perseguido e luta pelos pobres. É claro que esses mitos variam de povo para povo, mas a essência deles não é mudada. Esse exemplo do herói ilustra o chamado arquétipo do Herói.

Nise da Silveira (1976) concorda com a visão de Manfred Lurker sobre os arquétipos e acrescenta que consistem de um depósito de impressões superpostas deixadas por certas vivências fundamentais, comuns a todos os seres humanos. Silveira

(1976) não se refere às teorias de vidas passadas ou algo místico. Ela, assim como Jung, professa a ideia de que os arquétipos advêm do Inconsciente Coletivo, que é inerente a todos os povos.

Manfred Lurker (2003) cita que, segundo estudos, as primeiras formas de manifestação do arquétipo parecem ter sido os gestos rituais simbólicos, desenvolvidos para a criação dos mitos. E para Jung (apud Lurker, 2003), todos os conjuntos de arquétipos formam o Inconsciente Coletivo.

Assim, para esses autores, as expressões simbólicas se dão mediante o Inconsciente Coletivo, essencial para todo o pensamento religioso.

Manfred Lurker (2003) e Nise da Silveira (1976) são categóricos ao afirmar que o Inconsciente Coletivo explica o fenômeno religioso e a semelhança existente entre os diversos símbolos religiosos espalhados pelo mundo.

Para defender essa tese, Jung (1965) ilustra que todos os seres humanos nascem com o Inconsciente Coletivo, que se desenvolverá durante as fases de maturação do indivíduo. É como uma “herança” genética, que passa de geração em geração sem se romper.

Assim, Jung (1965) defende que da mesma maneira que nascemos com os órgãos corporais idênticos a todo o gênero humano, nascemos também com um inconsciente idêntico ao de todo gênero humano.

O grande mitólogo Joseph Campbell (1989), em quase todos os seus livros sobre mitologia e religião comparada, escreve categoricamente a respeito da existência de um Inconsciente Coletivo que abrange todos os povos. Para chegar a essa conclusão, Campbell (1989), assim como Jung (1965), estudou as incríveis semelhanças existentes entre os mitos e religiões mundiais.

A semelhança entre os símbolos e os mitos espalhados por todo o mundo é algo impressionante e, como sugere Mario Ferreira dos Santos (1959), os mitos são a melhor maneira de explicar a coletividade do Inconsciente.

A queda do simbólico: a dificuldade em compreender os símbolos religiosos

Como visto anteriormente, as semelhanças entre símbolos existentes em diversas culturas levaram os estudiosos, principalmente Jung (1965), a proporem a teoria do

Inconsciente Coletivo, que foi tanto aceita por muitos, quanto contestada por outros tantos.

Jung (1964), em seu último trabalho intitulado “O Homem e seus Símbolos”, escreve que o homem moderno, atingido pela tecnologia e pelo raciocínio lógico/empírico, perdeu a sua essência para interpretar mitos e símbolos, caindo em descrédito. Jung (1964) diz que os rituais e símbolos utilizados pelo homem primitivo são tidos hoje como ultrapassados.

Tanto para Jung (1964) como para Joseph Campbell (1989) tal concepção do homem moderno é um erro, pois chegaram à conclusão de que o homem primitivo colocava o uso dos instintos em rituais e símbolos, o que já não acontece com o homem dito “racional”. Para Jung (1964), essa crise simbólica que afeta o homem moderno é uma das causas de suas perturbações psíquicas.

Jung (1964) explana que o homem moderno isolou sua criatividade simbólica e, assim, a reprimiu. Lembrando que, para esse estudioso, os símbolos são produções oníricas típicas do Inconsciente e se existe o Inconsciente Coletivo, o homem moderno não deveria desprezar algo que é tipicamente inerente a si mesmo, no caso, o ato de simbolizar.

Campbell (1989) enfatiza que, com a evolução do pensamento humano e o surgimento de novos movimentos filosóficos, os temas mítico-simbólicos entraram em decadência e, a partir de então, o homem passou a considerar os símbolos e temas míticos como algo extremamente ultrapassado.

Para Jung (1964) e Campbell (1989), a humanidade sofreu um ápice da valorização dos símbolos e um declínio. Com efeito, para esses teóricos, o mundo primitivo (povos tribais, nômades e o mundo Greco-romano) elevava o pensamento para o mundo tipicamente simbólico, com lendas, deuses e deusas ambivalentes que criavam e destruíam.

Com a passagem do tempo e o surgimento de novas religiões como o Cristianismo, por exemplo, reduziram-se esses mitos a alegorias dignas de nenhum crédito. Para Campbell (1989), a Roma imperial e a Grécia helênica, com seus deuses antigos, foram reduzidas a meros patronos cívicos, mascotes domésticos ou preferências literárias. O monte Olimpo tornou-se um local de escândalos e de pecado.

Mardones (2006) pondera sobre esse problema e conclui que tal descaso com o símbolo reflete na psicologia do homem. Para esse autor, o período atual recebe, além da designação Iconoclastia Moderna, o nome de “anemia simbólica”. Com isso,

Mardones (2006) afirma a separação e a queda do homem simbólico, que há tempos tanto produzia, como mostra sua existência sobre símbolos e mitos.

O mesmo pensamento é compartilhado por Campbell (1990), que afirma que os símbolos e os mitos fornecem para o homem um sentido de vida, um conforto psicológico e, sobretudo, o exercício de imaginação e criação. O homem contemporâneo continua a criar e a cultuar símbolos, mas não com a intensidade dos antigos. Hoje, o uso de símbolos passa a ser mera formalidade ou apenas uma indumentária para sinalizar uma determinada religião.

Campbell (1990) e Mardones (2006) criticam as religiões, principalmente a cristã, por desprezarem os seus próprios símbolos. De fato, na atualidade, tem-se uma religião preocupada com os problemas civis e políticos e, aparentemente, alienada no que diz respeito ao entendimento de seus símbolos e ritos. A prova de tal argumento se baseia nos fiéis que assistem aos cultos, observam os símbolos, mas não compreendem seus significados.

A pesquisa de campo na Matriz de Americana

A pesquisa de campo deste estudo tem como local a igreja Matriz Santo Antônio de Americana, no interior de São Paulo. A Igreja foi construída entre os anos de 1950 e 1970 e é hoje um dos pontos turísticos da cidade. É a maior igreja da diocese de Limeira e a maior de seu estilo no Brasil.

Localizada no centro da cidade de Americana, recebe milhares de fiéis durante todo o ano. Seu estilo arquitetônico é Neoclássico e em seu interior abriga um impressionante acervo de pinturas nas paredes e nos tetos. As obras são de autoria dos irmãos italianos Pedro e Uldorico Gentili, que se inspiraram nas pinturas das igrejas romanas. Essas pinturas estão carregadas de símbolos religiosos e bíblicos, que não são meros ornamentos, mas devem instruir e lembrar os fiéis sobre o significado dos ritos e, conseqüentemente, sobre a analogia entre religião e vida terrena.

Foi a partir dessa suposta dificuldade do homem contemporâneo, que surgiu o interesse em saber se os frequentadores desse templo sabem fazer a analogia entre os símbolos e a religião. Os símbolos pesquisados foram a Cruz, o Lábaro e o Pelicano.

Vale ressaltar que todos os três símbolos serão postos em teste para cada sujeito, portanto, o indivíduo testado será questionado sobre os três símbolos anteriormente citados.

Para cada símbolo foram colocadas quatro questões, com o seguinte teor:

- Sobre a percepção, a priori, daquele símbolo no local pesquisado;
- Sobre o conhecimento do significado do símbolo pelo indivíduo pesquisado;
- A respeito da interpretação particular do símbolo questionado;
- E, por fim, se o sujeito já havia se deparado com aquele símbolo em outros lugares.

Foram questionados dezessete (17) indivíduos dos sexos masculino e feminino, somando um total de sessenta e oito (68) testes aplicados.

Resultados por símbolos:

Cruz: Esse símbolo está espalhado por toda a estrutura da igreja, seja no altar ou nas pinturas. Porém, a Cruz principal se encontra no altar localizado no centro da edificação.

Todos os indivíduos, quando interpolados sobre a percepção, a priori, desse símbolo na igreja, responderam afirmativamente que já o haviam percebido. Grande parte enfatizou que não haveria a possibilidade de não o notar, pois a Cruz é o símbolo do Cristianismo.

É curioso perceber que os sujeitos estão familiarizados com a Cruz, pois como afirmaram, se trata de um emblema de uma religião universal: o Cristianismo.

Os autores como Campbell (1989) e Jung (1965) observaram que os símbolos mais conhecidos ou aqueles com os quais os indivíduos passaram a ser mais familiarizados são justamente os símbolos encontrados como “emblemas” das grandes religiões. Tal argumento é exatamente o que se encontra nessa primeira questão referente à Cruz.

Antes de seguir para a próxima questão, deve-se fazer uma interessante observação que concerne às particularidades existentes entre protestantismo e catolicismo, ambos de origem cristã. Durante a pesquisa, foram encontrados e

entrevistados cerca de seis indivíduos protestantes que estavam na Matriz para observar os símbolos-artísticos (pinturas e objetos), pois esses símbolos não são permitidos em suas igrejas.

Assim, é esperado evocar a lembrança de Jung (1983) que, longe de fazer um julgamento ao protestantismo, diz que um dos seus sérios problemas é a exclusão total dos símbolos, de modo a provocar uma espécie de esvaziamento da interioridade humana e dificultando a já difícil interpretação bíblica.

Na sequência, os sujeitos foram questionados sobre o conhecimento dos significados que se referem ao presente símbolo. As respostas foram diversas e serão apontadas as mais freqüentes:

- Símbolo de sacrifício;
- Sofrimento;
- Símbolo típico e próprio do Cristianismo, representando o local da morte de Jesus;
- Simboliza uma morte que culminou na nossa libertação;
- Símbolo Real.

Se todas as respostas apontadas pelos sujeitos fossem colocadas aqui, certamente ficariam redundantes. Como observado, os entrevistados seguiram um padrão lógico e deram uma interpretação à Cruz fazendo uma analogia com o Cristianismo, visto que o local é uma igreja cristã e por se tratar exclusivamente de um templo cristão, as respostas indubitavelmente se referiram à imagem de Cristo.

Em termos quantitativos, as respostas tiveram os seguintes resultados: cerca de cinco (5) indivíduos responderam que a Cruz remete ao sacrifício, outros cinco (5) ao sofrimento, três (3) acreditam na Cruz como símbolo próprio do Cristianismo, três (3) creem nela como símbolo da morte e libertação e somente um (1) optou pelo significado Real, o menos provável para o verdadeiro significado do símbolo.

O ambiente e a atmosfera de religiosidade encontrados em uma igreja Católica tornam as significações dadas aos símbolos algo exclusivamente cristão e, como se observa no terceiro tópico, a ênfase postada na Cruz como símbolo próprio do Cristianismo redundando num sério erro e evidenciando a falta de entendimento do simbólico por parte do homem contemporâneo.

Seguindo com as questões, os indivíduos foram submetidos a uma interpretação particular, ou seja, foram expostos a uma “idiosincrasia simbólica”. Seguem-se as respostas mais frequentes:

- Salvação;
- Carregar Deus dentro do coração, sendo Ele (Jesus) Filho de Deus;
- Liberdade, pois Sua morte nos libertou;
- Se Cristo morreu por nós, esse símbolo merece todo o respeito, portanto, é um símbolo de honra;
- Conexão entre Deus e os homens;
- Sofrimento;
- Auto-sacrifício.

Se, mais uma vez, todas as respostas obtidas fossem colocadas aqui, haveria mais um fenômeno redundante. Se as respostas à questão anterior forem observadas e analisadas com as da última, veria-se que não há muita diferença entre interpretação objetiva e subjetiva.

Nessas respostas, onze (11) indivíduos depositam na Cruz o significado de salvação e o restante optou pelos significados mostrados acima.

Há uma dificuldade aqui. Como já observado, autores como Vieira (2009) e Lurker (2003) explanam sobre os diversos significados da Cruz, desde a antiguidade pagã até o próprio Cristianismo. Portanto, existe aqui, uma dificuldade e um desconhecimento geral da polissignificabilidade desse símbolo milenar.

E, por último, os sujeitos foram submetidos a uma questão referente à observação. Eles foram questionados se já haviam se deparado com esse símbolo em outros lugares. As respostas foram diversas:

- Não, nunca havia reparado fora do contexto da igreja;
- Sim, em outros lugares, como em templos não católicos;
- Em livros de história;
- Em estampas de roupas e adereços pessoais;
- Em imagens de santos;

- Em imagens e ritos do Candomblé.

Foram apresentadas as respostas mais diversificadas, pois os sujeitos estavam muito presos ao contexto da religiosidade Católica. Deve-se lembrar que esta pesquisa foi realizada dentro de uma das maiores e mais importantes igrejas do interior de São Paulo. Assim, fica implícito que o ambiente muito influenciou as respostas.

A grande maioria dos indivíduos pesquisados ficou “presa” às respostas dadas anteriormente e, por isso, não conseguiu desvincular-se do contexto Católico. De fato, as respostas são diversas, mas as que mais chamam a atenção são, sem dúvidas, aquelas dadas ao primeiro tópico. Não reconhecer esse símbolo em nenhum outro local é uma falta de familiarização com os temas simbólicos e tal fato se torna um agravante, tendo em vista que, como se sabe, a Cruz é o símbolo predominante da religião Ocidental, bem como um símbolo médico.

Em termos numéricos, oito (8) dos participantes desconheciam a Cruz fora do contexto católico, cinco (5) já a observaram em outros lugares que não eram, propriamente, católicos, um (1) a observou em estampas de roupas e adereços pessoais, outro entrevistado em livros de história, um (1) lembrou de tê-la observado em imagens de santos, isto é, dentro do contexto católico, e, por último, um entrevistado já viu em ritos e imagens do Candomblé.

Lábaro: O símbolo do Lábaro de Constantino encontra-se de forma discreta na edificação. Suas principais representações são encontradas nas pinturas, vitrais e, em maior destaque, nas portas laterais da Igreja, que servem para a circulação das pessoas entre o exterior e o interior do Templo. Para esta análise, será usado como referência o Lábaro presente nas portas.

Todos os indivíduos, quando interpelados sobre a percepção, a priori, desse símbolo na igreja, ficaram divididos. Pode-se dizer, com propriedade, que metade dos sujeitos já o havia percebido e a outra metade nunca tinha reparado nele.

Vieira (2009) indica que esse símbolo é tão antigo no seio do Cristianismo quanto a própria Cruz, remontando ao final do século III d.C.. Antigo, porém desconhecido por grande parte dos sujeitos.

Após essa breve introdução, em que mostramos que metade dos indivíduos já notou a presença desse símbolo, passe-se para a questão seguinte.

Os sujeitos foram questionados sobre o conhecimento dos significados que se referem ao presente símbolo. As respostas foram diversas e serão apontadas as mais frequentes:

- Não faziam ideia;
- Não se lembravam, mas já ouviram falar sobre seu significado;
- Símbolo do Vaticano;
- Símbolo místico.

Aqui tem-se praticamente um total desconhecimento do símbolo. Quase todos, isto é, quinze (15) sujeitos, responderam negativamente sobre o significado dele, portanto, há uma linearidade das respostas: todos desconheciam o seu real significado. A lembrança de já terem ouvido sobre seu significado foi presente em quase todas as quinze (15) respostas, porém sem nenhuma lembrança significativa.

Analisando as últimas respostas, verificou-se uma falta de alternativa para dar o significado do símbolo, ou mesmo um desconhecimento total do mesmo, pois sabe-se que o Lábaro não é um símbolo próprio do Vaticano, o que foi sugerido por um dos entrevistados, e sim um símbolo comum em todas as comunidades Católicas Ocidentais.

Como símbolo místico, conforme respondido por um (1) dos participantes, pode-se observar que seja um provável início de analogia com um símbolo religioso cristão, porém ainda longe de seu significado real.

Seguindo com as questões, os indivíduos foram submetidos a uma interpretação particular, ou seja, foram expostos a uma “idiosincrasia simbólica”. Seguem-se as respostas mais freqüentes:

- Não conseguiu imaginar nenhuma interpretação;
- Papa como símbolo do papado;
- Apenas mais um símbolo religioso que devemos respeitar.
- Místico, ligação entre céu e terra.

O mesmo fenômeno que ocorreu com o simbolismo da Cruz ocorre aqui com o Lábaro. Essas respostas estão ligadas intimamente com as respostas da primeira pergunta, ou seja, há pouca, ou quase nenhuma “idiosincrasia simbólica”.

Deve-se levar em conta que o Lábaro é um símbolo difícil de ser interpretado, pois, remete a duas palavras gregas que, unidas, formam as iniciais da palavra Cristo. Porém, esse símbolo foi escolhido para investigação, uma vez que, assim como a Cruz, o Lábaro está muito presente no Cristianismo, principalmente durante os ritos da Missa.

Infelizmente, o que pode ser visto aqui é um total desconhecimento do seu significado. Há uma novidade, pois o símbolo é desconhecido pelos sujeitos mesmo estando dentro do âmbito católico, não se precisando remontar as suas origens pré-cristãs. Os indivíduos, sejam católicos ou não, desconhecem seu significado.

Não é necessário enumerar a quantidade de sujeitos que responderam a essa questão idiossincrática, tendo em vista que suas respostas estão intimamente ligadas à questão anterior.

E, por último, os sujeitos foram submetidos a uma questão referente à observação e foram questionados se já haviam se deparado com esse símbolo em outros lugares. As respostas foram as seguintes:

- Não o haviam visto em outros lugares;
- Em livros;
- Em outras igrejas Católicas;
- Em igrejas Católicas fora do Brasil;
- Em vestes litúrgicas.

Há, assim, uma divisão. De um lado, há cerca de nove (9) indivíduos que nunca haviam notado o Lábaro em outros lugares e os outros oito (8) sujeitos já o haviam percebido, porém dentro do contexto Católico; e somente um (1) desses oito (8) o havia notado, não necessariamente em um livro Católico. É justificável, portanto, que tal símbolo se tenha tornado exclusivamente Cristão Católico e quase nunca tenha sido encontrado fora do âmbito religioso.

Pelicano: A imagem simbólica do Pelicano encontra-se em local de destaque na igreja, situando-se à esquerda do Santíssimo, local mais sagrado de um templo segundo os Católicos.

Cerca de quinze (15) indivíduos responderam negativamente quando questionados sobre a percepção desse símbolo no local. Outros dois (2) responderam

afirmativamente que já o haviam percebido. Em linhas gerais, esse destacado símbolo, na Matriz, passa despercebido por grande parte das pessoas.

O símbolo do Pelicano é o mais evidente símbolo na Matriz dos aqui pesquisados, “perdendo” somente para a Cruz. E, mesmo assim, passa como desconhecido para a grande maioria.

Dada essa parte inicial, passe-se para a questão sobre o conhecimento do significado deste símbolo. Mais uma vez, as respostas foram diversas:

- Não sabiam;
- Sacrifício para os filhos;
- Símbolo Sagrado.

As respostas aqui apresentadas não foram muito criativas e o desconhecimento desse símbolo foi, praticamente, geral. Cerca de quinze (15) indivíduos não sabiam nada sobre o Pelicano, um (1) fez a analogia do símbolo com o sacrifício para com seus filhos e um (1) respondeu, logicamente, como sendo este um Símbolo Sagrado.

Os mesmos indivíduos que responderam negativamente à questão anterior, responderam aqui que não conheciam o significado do símbolo. Muitos se mostram surpresos quando apresentados a essa imagem, revelando um comportamento de estranheza e desconforto perante a águia que rasga seu peito e alimenta os filhotes. Todos os sujeitos, de um jeito ou de outro, ficaram tão surpresos com a “estranheza” do símbolo, que chegaram a cogitar que nunca o reconheceriam como símbolo cristão. Só o reconhecem assim, agora, pois ele se encontra em um templo cristão.

É curioso observar que, de todos os símbolos pesquisados, o Pelicano se mostrou o mais estranho para todos os sujeitos. A estranheza daquela imagem levou grande parte deles a desconfiar se aquele símbolo era realmente cristão, mas o reconheceram como tal imediatamente, pois como dito, a imagem está dentro de uma igreja e, portanto, torna-se válida como imagem Sagrada.

Passada essa questão que causou certo desconforto entre os entrevistados, siga-se com a questão seguinte que trata, mais uma vez, da “idiossincrasia simbólica”, ou seja, de uma interpretação particular do símbolo. As respostas foram diversas:

- Representa a mãe protetora dos seus filhos;

- Sangue de Cristo, derramado por nós;
- Símbolo protetor;
- Expição, sacrifício;
- Símbolo Apocalíptico.

Em termos de números, doze (12) indivíduos interpretaram, com propriedade, que o símbolo representa a mãe que protege seus filhos; outros dois (2) fizeram uma ótima analogia com o Sangue de Cristo que, teologicamente, foi derramado por nós; e, por fim, os três (3) sujeitos restantes responderam os três últimos tópicos (símbolo protetor; expiação e sacrifício; símbolo apocalíptico).

Vale ressaltar que, como se trata de uma “idiossincrasia simbólica”, não existe resposta certa ou errada, mas sim respostas mais ou menos conexas. Assim, pode-se dizer que praticamente todos os sujeitos fizeram uma boa relação análoga desse “estranho” símbolo com a teologia cristã. Porém, em se tratando de uma interpretação pessoal, as respostas foram bem satisfatórias.

E, por último, como feito nos símbolos anteriores, os sujeitos foram questionados se já haviam observado esse símbolo em outros lugares. Todos os dezessete (17) sujeitos responderam que nunca o perceberam em nenhum outro lugar.

Essa resposta é bem justificável, pois como exposto nas questões anteriores, os sujeitos se mostraram admirados em observar, pela primeira vez, o Pelicano simbólico dentro da Igreja.

Considerações finais

De todo o conteúdo teórico até aqui exposto, em que foi discutido a necessidade de se conhecer os símbolos e a importância que possuem para a vida psíquica, pode-se concluir que, mediante esta pesquisa realizada empiricamente, há sim uma grande “queda” na relação entre sujeitos e os símbolos.

Assim como Jung (2008) relatou em sua obra “O Homem e seus Símbolos”, a dificuldade que o homem contemporâneo tem em se relacionar com os temas simbólicos é muito evidente, o que se observou na pesquisa empírica é que o argumento de Jung (2008) é válido e muito verossímil.

Como já foram feitos comentários em cada uma das questões, não há necessidade de repeti-los aqui mais uma vez.

É interessante notar um grau de dificuldade diferenciada que se deu na interpretação de cada um dos três símbolos. Como visto, o símbolo da Cruz, por exemplo, não representou grandes dificuldades, visto que tal símbolo se tornou emblema do Cristianismo e, principalmente, da Igreja Católica Romana.

O Pelicano se mostrou um símbolo intermediário, pois como se observou, a analogia feita entre o sangue de Cristo e o do Pelicano foi bem construída. Porém, foi o símbolo que trouxe mais “estranheza” aos sujeitos, que demonstraram um ar de inquietação perante aquela “grotesca” imagem.

Mesmo com essa coerente resposta análoga ao sangue de Cristo, não se pode negar o quase total desconhecimento dos indivíduos por essa imagem milenar. É importante lembrar que esse símbolo foi colocado em questionamento após o símbolo da Cruz, que remete ao sangue de Cristo. Estaria aqui, então, uma facilidade para a analogia entre o Pelicano e o Cristo.

Por último, o Lábaro, que remete ao nome de Cristo, teve seu total desconhecimento por parte dos entrevistados. Todos se mostraram indiferentes ao símbolo, dando a entender que seu significado pouco importava.

Reafirmando as teorias sobre a “Queda do Simbólico” e somando-as a esta pesquisa de campo, os autores como Jung (2008), Campbell (1990) e Mardone (2006) têm razão em dizer que a humanidade passa por uma “anemia” do símbolo, que é justamente essa falta de afinidade com os temas simbólico-místicos que permeiam a História humana desde todo o sempre.

A História nos mostra que as grandes religiões da humanidade se fundaram sobre os alicerces dos símbolos e dos ritos, porém com o avanço do tempo, as próprias religiões esqueceram suas bases e “bloquearam” o acesso do homem a esses temas.

Saber como ocorreu esse processo levaria a cabo outra pesquisa, mas pode-se supor que a dificuldade em se explicar um símbolo, suas origens e o motivo de fazer parte de uma determinada religião iria requerer um amplo estudo das religiões, dos símbolos, da Psicologia e da História por parte dos indivíduos.

Contudo, não seria uma utopia, afinal, nada mais justo do que os fiéis de uma determinada religião entenderem o real significado dos símbolos, sejam ícones ou ritos que compõem a sua fé. Assim, teríamos sujeitos mais críticos com sua religiosidade, pois estariam em contato com a raiz de todas as religiões, o que os levariam ao maior

entendimento e aceitação das outras religiões sem nenhum preconceito. Entenderiam, assim, que as religiões se baseiam na tradição dos símbolos coletivos para se estabelecerem na História.

Referências

- ALVIELLA, G. **A migração dos símbolos**. São Paulo: Pensamento, 1995
- BETTENCOURT, Estevão Tavares. **Curso de Filosofia**. Rio de Janeiro: Gráfica Itaci, 2003. p 27.
- CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 2009.
- _____. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.
- _____. **Tu és isso**. São Paulo: Madras, 2003.
- _____. **As Máscaras de Deus Mitologia Primitiva**. São Paulo: Palas Athena, 1992.
- DANIÉLOU, J. **Símbolos cristãos primitivos**. Porto Alegre: Kuarup, 1993.
- ELIADE, M. **Imagens e símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FRUTIGER, A. **Sinais & Símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- HALL, J. A. **Sonhos símbolos religiosos do inconsciente**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- JUNG, C. G. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- _____. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- _____. **Psicologia e Religião**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- KAST, V. **A dinâmica dos símbolos**. São Paulo: Loyola, 1997.
- LURKER, M. **Dicionário de Simbologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MALLON, B. **Os símbolos místicos**. São Paulo: Larousse, 2009.
- MARDONES, J. M. **A vida do símbolo**. São Paulo: Paulinas, 2006.

MOHR, G. H. **Dicionário dos Símbolos, imagens e sinais da arte cristã**. São Paulo: Paulus, 1994.

SANTOS, M. F. **Tratado de Simbólica**. São Paulo: Logos, 1959.

SILVEIRA, N. **Jung Vida e Obra**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editor Paz e Terra, 1976.

VIEIRA, J. D. **A Cruz formas e simbolismo**. São Paulo: Madras, 2009.